

Um professor quarentão critica  
a pusilanimidade da sua geração diante  
da minoria militante dos jovens

# Chega da Tirania de Pirralhos Mimados

K. ROSS TOOLE

*Professor de História da Universidade de Montana*

**T**ENHO 49 ANOS. Levei muitos anos e passei um bocado de trabalho para chegar aonde estou—o que não é grande coisa. Fui criado na Depressão; perdi quatro anos na guerra; suei a minha camisa; sou um “liberal”; sou quadrado e estou farto de hippies, de militantes e bobagens.

Sou professor da Universidade de Montana e estou cansado de ser acusado e agredido; estou cansado de tolerância e de fazer esforço (o que é sempre minha função) para compreender. Estou farto da completa irracionalidade do “rebelde” universitário, cujo rosto barbado, cabelos sujos, mau cheiro e “táticas” são infantis mas brutais, ingênuas mas perigosas, e são a essência da tirania arrogante—a tirania de pirralhos mimados.

Como professor e pai de sete filhos, cujas idades variam de sete a 23 anos, tenho observado esta nova geração e cheguei à conclusão que a maior parte dela é ótima. Mas uma minoria não é—e o problema é que essa minoria ameaça tyrannizar a maioria e tomar conta. Não gosto dessa minoria, fico consternado ao ver que a maioria a tolera e permite que a utilize. Na qualidade de membro enojado da sociedade, declaro que é hora de dar um basta.

Devemos à “nova geração” aquilo que tôdas as “velhas gerações” deveram aos seus sucessores—amor, proteção até certo ponto e respeito, quando o merecem. Não lhes devemos nossas almas, nossa intimidade, nossa vida inteira—e não lhes devemos imunidade contra os nossos erros nem contra os dêles.

Tôdas as gerações cometem erros, sempre cometeram e sempre cometerão. Nós temos a nossa quota. Mas a minha geração também tornou os Estados Unidos o país mais próspero do mundo. Enfrentou de peito aberto um problema racial que nenhuma nação na História jamais ousou enfrentar. Declarou públicamente guerra à pobreza e chegou à Lua; dessegregou escolas e acabou com a poliomielite; presidiu ao início do que é, provavelmente, a maior revolução econômica e social na História. Começou essas coisas, não as terminou. Declarou-se, comprometeu-se e esforçou-se, e quase se acabou em sua luta pela causa da justiça e reformas sociais.

Seus erros são menos numerosos do que os da geração de meu pai—ou da de seu pai. Seu maior êrro não é o Vietname; é a renúncia à sua primeira responsabilidade, a capitulação pusilânime à sua juventude. Desde quando as crianças governam o país? Em virtude de que direito e graças a que realizações devem os adolescentes, ainda inexperientes e desprovidos inteiramente das vantagens de ter vivido bastante tempo para ter juízo ou sabedoria, tornar-se os sábios da nossa época?

Os psicólogos, os educadores e os sacerdotes dizem que os jovens se rebelam contra nossos costumes e moral arcaicos, nosso materialismo, nossos fracassos na diplomacia, nossa terrível inabilidade em assuntos raciais, nossa estreiteza como país, nossa cegueira para os males de

raiz da sociedade. Quanta tolice!

A polidez comum e a consideração pela opinião dos outros não são apenas um enfeite da torta da sociedade—são o próprio recheio da torta. Há muitos jovens que são grosseiros egocêntricos. Não querem ouvir nem discutir; só querem berrear e atirar pedras. Clássicamente, a sociedade pôs no ostracismo a arrogância sem o apoio de realizações demonstráveis. Então por que toleramos porcalhões arrogantes que urinam sobre nossas crenças e conspurcam nossos recintos? Não é da polícia que precisamos—nem a nossa geração nem a deles—mas sim de uma expressão do nosso nojo e desprezo. E, entretanto, fazemos mais do que permitir êsse comportamento; nós o dignificamos com uma flagelação introspectiva. Porque admitimos que é nossa a culpa. Tolice mais uma vez!

A sensibilidade não foi inventada em 1950. Os jovens de tôdas as gerações sentiram o mesmo impulso para se expandir, tocar as estrêlas, viver livremente e deixar a mente divagar por corredores inexplorados. Rapazes e môças sempre sentiram o mesmo vago senso de limitação que os separava da experiência culminante—a expansão do espírito súbita e completa, a satisfação final. É uma das experiências mais velhas, mais doces e mais amargas da humanidade.

Os jovens de hoje não inventaram a sensibilidade; ela não é propriedade deles. E o que êles procuram atingir,

tôda a humanidade já procurou atingir em todos os tempos. Devemos pois aprovar seu suposto atingimento por meio de drogas? E devemos tolerantemente permitir que êles se envenenem apenas porque, como em outros pontos, nos sentimos vagamente culpados de os têrmos pôsto neste mundo? Mais uma vez, não são batidas de polícia nem leis mais severas que precisamos; basta a fôrça. A fôrça para explicar, à nossa maneira tôla, da meia-idade, que o que êles procuram nós já procuramos; que está em alguma parte, mas certamente não nas drogas.

A sociedade, o "estado de coisas", não é algo estranho que procuramos impingir aos moços. É—como o é o jovem de 18 anos—produto de milhares de anos de desenvolvimento da humanidade. Sabemos que está longe de ser perfeita. Não fomos nós que a fizemos; apenas procuramos modificá-la. Vencemos, quando vencemos, lenta e dificilmente. O fato de têrmos tido apenas um sucesso mínimo é a história de tôdas as gerações—como será a história da geração que surge.

Sabendo disso, por que escutamos subservientemente os violentos estrategistas da nova geração? Êles ou resolvem todos os problemas esta semana ou se unem a uma turma destruidora de paranóicos. A juventude sempre se caracterizou por um idealismo impaciente. Se não fôsse assim, não haveria modificações. Mas o idealismo impaciente não vai até às armas, às bombas incendiárias, aos

motins, à arrogância rancorosa e à satisfação imediata. Isso não é idealismo: é uma tirania infantil.

O pior de tudo é que nós (professôres e congregações em especial), num paroxismo de abnegação, os acompanhamos, desculpando-nos como se tivéssemos pessoalmente criado os males do mundo—e assim nos prestamos ao caos. Somos os conduzidos, não os condutores. E somos uns tolos.

Como professor, todos os dias me encontro com os ativistas e revolucionários. Êles são indesculpavelmente ignorantes. Se querem fazer uma revolução, acaso estudam os meios de fazê-la? Claro que não! O herói dêles é Che Guevara, cujos passos foram todos mal calculados e errados. Êle falhou; morreu nas florestas da Bolívia com um exército de seis homens. Ainda não encontrei um "ativista" que tenha lido a *Anatomy of Revolution* ("Anatomia da Revolução") de Crane Brinton, ou que conheça as obras de Jefferson, Washington, Paine, Adams ou mesmo Marx e Engels. Ainda não conversei com um estudante militante que tenha lido sôbre o racismo em algum lugar ou que compreenda, mesmo de maneira primitiva, a longa e admirável luta da Associação Nacional Para o Progresso das Pessoas de Côr.

Um velho e calejado participante das guerras do trabalho organizado nos Estados Unidos na década de 1930 disse-me há pouco: "Êsses 'radicais' não conseguem se organizar

nem para produzir uma plataforma razoável, quanto mais para se revoltarem, nem que seja para sair de dentro de um saco de papel.” Mas conseguem—porque nós os deixamos—destruir nossas universidades, tornar nossos parques inabitáveis, fazer lixo de nossas ruas e insultar nossa bandeira.

Declaro que estamos em dificuldades com essa geração mais jovem não porque tenhamos fracassado com nosso país, não por causa do materialismo ou da estupidez, mas simplesmente porque não conseguimos manter em seu lugar essa geração, e não a recolocamos no lugar quando ela escapou. Temos o poder, mas não temos a vontade. Temos o direito, mas não o exercemos.

Enquanto nos fiarmos na polícia, na Guarda Nacional, no gás lacrimogêneo, em cêrcas de aço e torcer de mãos, fracassaremos. Temos de usar o desdém, não gás; temos de reavaliar uma arma que conquistamos a duras penas, com trabalho e labuta: a autoridade firme como pais, professôres, homens de negócio, trabalhadores e políticos.

A grande maioria dos nossos filhos, de um a 20 anos, são garotos formidáveis. Temos de apoiar essa maioria com autoridade e com a firme convicção de que devemos a eles e a nós. Chega de desculpas, chega de análise, chega de renunciar à nossa responsabilidade, de negar nossa maturidade e bom senso.

O melhor lugar para começarmos é em casa. Mas o lugar mais prático e eficiente, neste momento, é em nossas faculdades e universidades. Isso não significa um dilúvio de decretos indignados, um arrôcho repentino, uma política “nova”. Significa apenas que os corpos docentes devem deixar de ser covardes, que os demonstradores devem ser enfrentados não pela polícia mas pela expulsão. O poder de expulsão (hoje estranhamente em desuso) é um dos mais antigos direitos e necessidades da comunidade universitária.

Simple demais? Em absoluto. Apenas um velho processo que parece que esquecemos. É direto demais para aquêles que procuram empregar a análise freudiana, positivo demais para “conselhos deliberativos acadêmicos” que anseiam por debates filosóficos, e prosaico demais para aquêles que procuram uma autocondenação orgiástica.

Os Estados Unidos são um país cheio de gente decente e preocupada como eu. E também um país cheio de gente que está farta de bobagens. Precisamos—nós que temos mais de 30 anos estamos sobrecarregados de impostos, atormentados, confusos, cansados e sovados—reafirmar nossas prerrogativas conquistadas a duras penas.

É nosso país também. Lutamos por êle, sangramos por êle, sonhamos com êle e o amamos. Está na hora de recuperá-lo.

